

WONDERLAND, VOZES DE UMA TURQUIA.

Sheila Beggiato
Andressa Dias Arndt

Este trabalho narra a experiência estética que tivemos durante uma visita que realizamos a 31ª Bienal de São Paulo em 2014. Este tema tornou-se capítulo do livro: *Visita à Bienal: Diálogos Bakhti(Vigotski)anos*, lançado em 2015 pela Editora CRV. Compreendemos uma experiência estética como um tipo particular de experiência que é da ordem do acontecimento e que, pela afecção, tem potência para provocar respostas, abrir questões e inscrever algo em nossa subjetividade (SPINOSA, 1663/ 2013; CARERI, 2009; BAKHTIN, 2008; VIGOTSKI, 1998).

Escolhemos descrever a experiência que tivemos com a obra *Wonderland*, do artista turco Halil Altindere. Altindere faz uso de diferentes linguagens, dentre elas: vídeos, fotografias, pinturas, esculturas. Em linhas gerais o artista promove por meio de suas criações uma crítica aos sistemas repressivos presentes no contexto social e político da Turquia. Em *Wonderland*, Altindere faz uso da linguagem visual e sonora do Rap. O artista conta com a participação do grupo de Hip- Hop Tahribad-ı İsyân e denuncia a destruição de assentamentos de Sulukule, região central de Istambul, devido ao processo de gentrificação.

As cenas apresentam jovens ciganos correndo da polícia, ao som de um Rap, apresentando as formas de resistência de um coletivo para com medidas opressivas de marginalização por parte do Estado. Dentre todas as afecções de nossa experiência, escolhemos dialogar, neste trabalho, com um determinado trecho do vídeo em que os jovens cantam: *“Deixe a arte e a música serem seus armamentos”*. Apresentamos a potência do fazer musical coletivo como forma de criação de resistências frente a processos de subalternização.

Wonderland retrata a voz de um povo que foi às ruas na Primavera turca de 2013 nos protestos contra a demolição do parque Gezi, realizada devido empreendimentos imobiliários. Mas ao nos sentirmos afetadas pela obra, não nos

restringimos ao contexto turco, antes, miramos a potência da arte como forma de expressão e resistência de coletivos.

Ao assumirmos a posição de espectadoras renunciamos uma premissa de que o ouvinte é passivo, antes, assumimos que o espectador é também (re)criador, e a ele pertence a possibilidade de dar o acabamento estético à obra com a qual se afeta (RANCIÈRE; 2010; BAKHTIN, 2008). Marcamos assim que a arte pode provocar a criação de outras ações, sejam elas políticas, estéticas ou científicas/acadêmicas (VIGOTSKI, 1998; RANCIÈRE, 2005).

Por fim, dialogamos com Rancière (2005) quando propõe pensar que a arte e a política se encontram quando denunciam e tensionam os modos de ser, ver, ouvir e pensar no/o mundo.

REFERÊNCIAS

- Halil Altindere. (2013). *Wonderland*. Disponível em <http://www.frequency.com/video/89plus-marathon-halil-altinderes/157706116/-/5-15143652>
- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da Poética de Dostoievski*. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2008.
- CARERI, Francesco. *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. São Paulo: Editora G. Gili, 2013.
- RANCIÈRE, Jacques. (2005). *Política da Arte*. Disponível em: www.sescsp.org.br/sesc/images/upload/conferencias/206.rtf Acesso em 22.07.2014.
- RANCIÈRE, Jacques. *O espectador emancipado*. *Urdimento* – Revista de Estudos em Artes Cênicas. Universidade do Estado de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Teatro. v. 1, n. 15, p. 107-122, Out. 2010. Tradução de Daniele Ávila.
- SPINOSA, Baruch. *Ética*. 2 ed. Trad. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2013. Trabalho original publicado em 1663.

VIGOTSKI, Lev S. *Psicologia da arte*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1998. Trabalho original publicado em 1925.